

Marcos da Hospitalidade na Cidade de São Paulo entre Fins do Século XIX e Fins do XX¹

Celia Maria de Moraes Dias²
Universidade Anhembi Morumbi

Resumo:

O presente trabalho visa apontar as mudanças no comportamento e nos hábitos de receber, enfocando, especialmente, a transição, na cidade de São Paulo, de uma hospitalidade graciosa, em casas de família, à hospitalidade comercial, em suas várias modalidades, até a introdução das redes hoteleiras no fim do século XX. Também busca apresentar e discutir as fases em que se deu a introdução da hotelaria no país, utilizando-se, para isso, de alguns marcos econômicos, sociais e construtivos, que acarretaram alterações no eixo geográfico e na qualidade da oferta de equipamentos, na área de hospitalidade, na cidade de São Paulo, entre fins do século XIX e fins do século XX. A metodologia utilizada foi a pesquisa exploratória, de cunho bibliográfico, podendo o estudo ser definido como de gabinete, com enfoque histórico-evolutivo.

Palavras-chave: hotelaria; evolução no Brasil; hotel; meios de hospedagem; hospitalidade graciosa; hospitalidade comercial.

Introdução

A cidade de São Paulo sofreu no século XIX tantas e tão rápidas mudanças que Toledo (1983) a caracteriza como "três cidades em um século", referindo-se às substituições nas técnicas construtivas, que passaram, no mesmo século, da taipa de pilão ao tijolo e depois ao concreto armado. Parece claro afirmar que essas alterações estejam no bojo de grandes e importantes mudanças havidas no comportamento dessa sociedade. Como afirma Reis Filho (p.9-10), "nas obras e nas formas de produção e uso, é possível compreender as condições de vida e as etapas de evolução das cidades. O espaço organizado e construído configura, em boa parte, as relações sociais". É, ainda, o mesmo autor que, discutindo a questão do patrimônio ambiental urbano e o valor e a importância de alguns conjuntos arquitetônicos e urbanísticos, comenta que "há um outro setor, com obras significativas, que por preconceito tem sido excluído dos estudos urbanos, reduzindo drasticamente as suas possibilidades explicativas. Trata-se das grandes obras de infra-estrutura e dos *equipamentos para serviços*. No setor devem ser incluídas obras [...] como as rodovias e ferrovias [...] e *as instalações para turismo*." (grifo da autora)

¹ Trabalho apresentado ao GT 02 "Abordagem histórico-crítica do turismo" do IV Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul- Caxias do Sul, 7 e 8 de julho de 2006.

² Doutora (tese em Turismo Rural) e mestre (dissertação de mestrado em Hotelaria) em Ciências da Comunicação, pela ECAUSP. Docente do Programa de Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi desde maio de 2001. Palestras, cursos e publicações na área de hospitalidade e turismo, junto a IES públicas e privadas de diversos estados do Brasil. E-mail: < cdias@anhembi.br >

São Paulo, dos primórdios até o fim dos século XVIII

Marx (1980, p. 12) nos diz que o mapa do Brasil revela desequilíbrio notável. As aglomerações urbanas se concentram ao longo da costa; o seu gigantesco território está quase vazio em sua maior parte [...] Mas “na boca do sertão, terra adentro e serra acima, não muito longe de São Vicente, o português ensaiou um estabelecimento único, excepcional. Homens, idéias e conveniências diferentes, visão estratégica e atrevimento comuns se cristalizaram em São Paulo”.

Com efeito, a cidade de São Paulo de Piratininga, que nasceu em 25 de janeiro de 1554 tinha, desde então, até quase findar o século XVIII, aproximadamente a mesma configuração, situada no topo de uma colina, quase ilha, já que era circundada por terrenos alagadiços onde corriam o rio Tamanduateí e o córrego Anhangabaú, limitada pelo triângulo compreendido pelas ruas Direita, São Bento e XV de Novembro e balizada pelas igrejas do Carmo, São Francisco e de São Bento.

Hospitalidade e hospedagem em São Paulo, no XVIII

Ao iniciar-se o século XVIII, São Paulo recebe uma visita ilustre: a de Richard Burton que, se arrisca dizer, faz, ao menos metaforicamente, a primeira classificação das hospedarias paulistanas. Burton, após tomar conhecimento do “parque de hospedagem” existente, classifica os estabelecimentos, da seguinte forma:

Primeira categoria: simples pouso de tropeiro; Segunda categoria: telheiro coberto ou rancho ao lado das pastagens; Terceira categoria: venda, correspondente à *pulperia* dos hispano-americanos, mistura de venda e hospedaria; Quarta categoria: estalagem ou hospedaria; Quinta categoria: hotéis. Uma nota curiosa: nos hotéis principais, como os de propriedade dos franceses Charles e Fontaine, só se hospedava quem tivesse cartas de recomendação. (Hotéis do Brasil, 1978).

Buscando melhor compreender a distribuição da oferta de alojamentos nos primórdios brasileiros, utilizou-se a descrição de Frieiro (1982, p. 100-1) para comentar o que eram, então, os meios de hospedagem em nosso país.

Os viajantes encontravam no caminho quatro modalidades de alojamento: o pouso, o rancho, a venda e a estalagem ou hospedaria. O pouso era simplesmente o terreno onde os tropeiros e viajores acampavam para preparar o almoço ou passar a noite ao relento [...] Em seguida, vinha o rancho. Consistia de um telheiro mais ou menos amplo, erguido sobre esteios de madeira ou pilastras de tijolos e coberto Os viajantes encontravam no caminho quatro modalidades de alojamento: o pouso, o

rancho, a venda e a estalagem ou hospedaria. O pouso era simplesmente o terreno onde os tropeiros e de sapé.

Tinha, algumas vezes, paredes externas e mais raramente compartimentos interiores.[...]

Os ranchos desempenhavam papel de importância na economia das regiões pelas quais passavam as tropas. Estas deviam ser abastecidas, constituindo o consumo de milho pelos cavalos, negócio lucrativo para os proprietários de roças marginais, interessados em atrair os viajantes para os ranchos que punham à sua disposição. Melhor era a venda, que consistia de uma casa de moradia e um alpendre para abrigar a carga das mulas. Podia-se achar ali (e, mais comumente não se achava) algumas das mercadorias indispensáveis aos moradores da roça--desde cachaça, sal, açúcar, feijão, carne-seca, até ferraduras, fumo em corda, armas de fogo, cabeças de alho e livros de missa. Os estranhos hospedavam-se num mau quarto, com um jirau ou catre de pau e uma gamela para as abluções. Em algumas vendas, sujas e sem as mínimas condições de comodidade, esfolava-se o viajante que uma vez reclamou que pagava mais pela farinha de mandioca que pelo melhor jantar em Paris. Finalmente-notável progresso-surgem as estalagens ou hospedarias, que passaram a chamar-se, já nas últimas décadas do século passado (XIX), com o afrancesado nome de hotéis.

A partir do século XIX- grandes mudanças

Cada cidade tem sua feição, mas de acordo com Reis Filho (1994, p. 17-23), com as mudanças vividas no Estado, podemos identificar em São Paulo ao menos quatro fisionomias distintas:

a da velha cidade de taipa, do tempo do trabalho escravo (Até 1888); a da cidade européia (1889-1930); a da cidade modernista (1930-1960) e a metrópole centralizada e congestionada (1960-1990). Até 1890, São Paulo tinha um urbanismo colonial. Era uma cidade semelhante a Parati e São Luiz do Paraitinga e nossos dias.

Pelos relatos dos viajantes sabe-se que o costume, bastante disseminado, da hospedagem graciosa em casas de amigos ou conhecidos, aliado ao extremo recato e retraimento da população paulistana, pareciam incompatíveis com a vida coletiva apresentada pelos hotéis. Historiadores afirmam que, até por volta de 1850, o paulistano médio não se hospedaria em hotéis, sob o risco de ser acusado de promiscuidade ou mesmo de suspeição de imoralidade. Demonstrando a mudança de hábitos da metrópole, Pedro Taques publica, em 1865, versos que ironizam o hábito de hospedagem gratuita em casa de amigos:

Hóspede mais de três dias,
Instalado em casa alheia,
Pagando com cortesia
Almoço, jantar e ceia,
Afora o quarto que habita.
Má visita!

É interessante notar, nesses versos, sentido similar ao encontrado em antigo ditado latino (embora também existente em quase todas as nações, com algumas modificações), que dizia: "Hóspede e peixe, a partir do terceiro dia, cheiram mal".

Esse dito parece lembrar uma das regras básicas da hospitalidade, que é o tácito estabelecimento de limites, tanto temporais como espaciais, que ocorrem quando se inicia a relação hóspede/anfitrião. A usual insistência do anfitrião a que nos "sintamos em casa" pressupõe que não estamos em nossa própria casa e também os votos de boas vindas: "seja bem vindo, mas limpe os pés" são lembrete para que, quando hóspedes, devemos obedecer às regras do anfitrião, e assim por diante.

Mas muita coisa começa a mudar quando, em 1827, por decreto imperial é criada a Academia de Direito do Largo de São Francisco. A população, então, não chega a mais de 10 mil habitantes, concentrados nas freguesias da Sé, Santa Ifigênia e Brás. (anchieta.org.br)

Sua instalação foi o acontecimento mais importante para a vida da cidade em toda a primeira metade do século XIX. Martins (2004, p. 126) afirma que "de 1828 a 1870, foi a Faculdade de Direito que definiu a vida urbana local, constituindo, de fato, o *burgo dos estudantes*".

Se ainda hoje se reclama que o lazer é deficiente na cidade, antes da chegada da ferrovia, a animação decorria de tropas de mulas, brincadeiras de estudantes da Faculdade de Direito e as festas e procissões tradicionais. E, mesmo depois da chegada dos trens, dados de 1873 apontam que a cidade tinha 6 bilhares, 1 botequim, 2 confeitarias, 2 cafés e uma casa de banhos. mesmo não existindo ainda denominação de hotéis, alguns deles equipamentos poderiam conter também instalações para pernoite.

No que se refere a espaços/equipamentos para lazer, entre as novidades do início do século XIX é criado o Horto Botânico, para o qual foi destinada área no Bairro do Guaré. Cercada, ficou sem uso até 1825, quando foi aberta ao público como o primeiro parque da cidade- o Jardim da Luz. (atlasambiental.prefeitura.sp.gov)

Nessa época, algumas melhorias apontam para a evolução que se avizinhava logo mais, com a instalação da primeira via férrea. Em 1856, chega a primeira iluminação a gás nas ruas do centro, inaugura-se a primeira sala de teatro em 1864 e controem-se chafarizes públicos nas principais ruas da cidade. Em 1872 instala-se um serviço de bondes a tração animal.

Em 1892 se inaugura o Viaduto do Chá (antigo) e, pouco depois outro, ligando o centro velho, a partir do Largo de São Bento, ao bairro de Santa Ifigênia. O "triângulo" passa a interligar-se à "cidade nova" com os bondes da *The São Paulo Tramway, Light & Power*, pelo Viaduto do Chá.

Junto ao casario do centro, ainda integrado pelos edifícios coloniais, de telhados cinza, térreos ou com um ou dois andares, com pequenas portas de madeira e fachadas tristes e desnudas,

em maio de 1900, começa a circular uma novidade: o primeiro bonde elétrico. A circulação se agiliza. Mombeig (2004, p. 57-9) considera esse dia da inauguração dos bondes elétricos como ponto de partida da fase contemporânea da evolução urbana de São Paulo, como metrópole. Logo chegam também os primeiros automóveis. Também surgem os cinemas. A eletrificação e a indústria são o marco da inflexão que transformaria São Paulo na cidade "que não pode parar". O número de edificações cresce sem cessar, novas áreas são anexadas e uma nova arquitetura modifica a paisagem.

Hospitalidade, comensalidade e lazer

No que se refere a aspectos de hospitalidade, ligados à comensalidade, sinônimo de compartilhamento de alimento e bebida, os cafés do "triângulo" e as lojinhas, que serviam garapa, o caldo de cana moída, representavam, nesse final de século XIX, importantes pontos de encontro entre os fazendeiros de café que vinham à capital, negociantes, comerciantes e moradores.

Quanto aos esportes e lazer, em 1894, Charles Miller organizou o primeiro time regular de futebol entre os sócios do *São Paulo Athletic Club*, que havia sido fundado em 1888 por ingleses amantes do cricket e do tênis. O primeiro clube fundado por brasileiros (família Prado), foi o Clube Atlético Paulistano, em 1900. Até aí todos os demais clubes eram de europeus ou fundados por europeus.

Monteiro Lobato, comentando esse momento da cidade, chega a chamar seus habitantes de "paulistalianos", pois, sendo estes em tão grande número, ao se caminhar pelas ruas, tinha-se a impressão de que aqui era nativa a língua mediterrânea.

Entre os italianos, muitos deles eram músicos ou possuíam habilidades como pintores, pedreiros, carpinteiros, serralheiros, marceneiros, marmoristas, construtores ou mestres de obras, sendo responsáveis pelo ingresso, na cidade, de novas técnicas e vanguardas artísticas e arquitetônicas.

Por outro lado, foram os alemães que fundaram os primeiros botequins e as primeiras cervejarias de São Paulo, contribuindo para trazer à cidade novos costumes de comensalidade. Essa contribuição pode ser reconhecida nos inúmeros bares e choperias da cidade que, até hoje, servem cerveja ou chopp, acompanhando alguns pratos alemães e ostentam na fachada denominações como Juca Alemão, Bar do Alemão, Bar do Fritz, Bar do Leo, Biergarten, Bierhalle, Bierhaus etc.

Já na moda feminina, o requinte e o luxo franceses passam a imperar na cidade que começa a se modernizar. Agora as lojas denominavam-se *Nôtre Dame de Paris*, *Au Palais Royal*, *Au*

Printemps. Também os hotéis, visando destacar-se e adquirir essa aura de luxo e requinte, arriscam mudar seus nomes, afrancesando-os.

Tamanhas inovações e consequências derivadas da cafeicultura, como aumento da população, desenvolvimento comercial, melhoramentos urbanos etc, mostram que não é exagero afirmar que o café propiciou uma segunda "fundação" da cidade, em fins do século XIX.

Centro velho- século XIX- hotéis do império

Pode-se dizer que o gosto e o modelo europeu foram a inspiração para nossa *Belle Époque*, que imperou por volta de 50 anos, a partir de 1890. Nesse período, levantaram-se muitas construções com influência da arte francesa, mas principalmente no estilo denominado eclético (com características variadas de neoclássico, gótico, neogótico, românico e neoromânico e, até do renascimento italiano), bem como exemplares de *Art-Nouveau*. É esse o ambiente onde se desenrola a fase inicial da hospitalidade comercial paulista.

A publicação *Hotéis do Brasil* (1978) cita que:

São Paulo, por essa época (*por volta de 1870*), mostra um progresso inusitado e um parque hoteleiro dos mais expressivos do país. No Largo de Capim, atual rua do Ouvidor, temos o Hotel Palma; na rua São Bento, o Hotel Paulistano; na rua da Fundição, esquina do Pátio do Colégio, o Hotel do Comércio; na rua do Comércio, com bilhares, o Hotel Providência, de Madame Lagarde; no Pátio do Colégio, o Hotel Universal, do francês Lefèbvre; o Hotel das Quatro Nações, que mais tarde, sob a direção de José Maragliano, passou a denominar-se Hotel Itália; o Hotel de França; o Hotel Rebechino; o Hotel Bela Vista; o famoso Hotel D'Oeste; o Grande Hotel e os Allogios, pequenos hotéis italianos, onde a comida era farta e o vinho generoso. O almanaque da Província de São Paulo, editado em 1885, registra a existência então dos seguintes hotéis: Hotel Brasil-Itália, na rua Boa Vista; Hotel Fasoli, na rua Senador Feijó; do Hotel Boa Vista, na rua do mesmo nome; Hotel Provençeau, na rua São Bento; Hotel Albion, na rua Alegre, atual Brigadeiro Tobias; Hotel das Famílias, próximo ao Mercado, no fim da General Carneiro; Hotel Bristol, na rua Gusmões; Hotel Suíço e a Pensão Morais, no Paissandu. Alguns outros hotéis de quase nenhuma expressão ainda existiam na capital paulista. Mas com características de hotel e capacidade de hospedagem e prestação de serviços, os hotéis paulistanos eram os acima enumerados. (*grifo da autora*)

Agora mais rapidamente, a cidade, de aparência colonial transforma-se, apresentando melhoramentos urbanísticos que anunciam o seu futuro de metrópole do café. Inicia-se a expansão urbana em direção às várzeas e terraços fluviais, onde haviam sido instaladas as ferrovias. Surgem fábricas e bairros operários. O antigo triângulo, em sua formação inicial de urbanização, passa a configurar-se como setor de serviços e comércio e teve seus principais elementos hoteleiros localizados próximo à Faculdade de Direito e às estações ferroviárias da Cidade. Um dos mais notáveis deste período foi o Grande Hotel, construído por encomenda

do alemão Frederico Glete, na Rua São Bento, esquina do Beco da Lapa (atual Rua Miguel Couto).

Inaugurado em 1878, em edifício construído especialmente para fins hoteleiros, era considerado “o melhor hotel do Brasil”. O Grande Hotel possuía grandes candelabros a gás iluminando o vestíbulo, escadas de mármore, bons quartos decorados com elegância, cozinha e gastronomia de primeira qualidade. Foi o primeiro prédio de arquitetura neo-renascentista na cidade. Projeto do alemão Von Puttkamer era um edifício de três andares e que recebeu ao longo de sua história inúmeros hóspedes famosos como o príncipe Henrique da Prússia (1885) e a artista Sarah Bernhardt (1886). Este prédio veio a ser demolido em 1964 e em seu lugar foi construído um edifício comercial.

Infelizmente, pesquisa efetuada nos dá conta de que, da época imperial não há mais nenhum hotel remanescente no centro histórico. Esse fato nos faz lembrar o relato de Nestor Goulart dos Reis Filho (1994, p. 209) que diz que, certo dia, viajando com o crítico italiano Bruno Alfieri, mostrou-lhe uma casa bandeirista, informando que poderia ter mais de 300 anos. O crítico lembrou ao brasileiro que, na Itália, há casas com mais de 2 mil anos. É lamentável que hotéis, ao menos, não haja mais nenhum para contar a história desse tempo.

Século XX - arranha-céus e hotéis

De acordo com Reis Filho (1994, p.149), entre 1890 e 1920, os edifícios mais importantes de São Paulo foram construídos com estruturas metálicas importadas. Nas obras ferroviárias, desde meados do século passado, eram utilizadas estruturas metálicas, para a construção de pontes e dos grandes viadutos. Da mesma forma, nos edifícios se desenvolveu o uso das estruturas metálicas.

Esse quadro começa a se modificar no início do século XX, quando começam, entre 1900 e 1910, a ser utilizadas as primeiras estruturas de concreto. Com a crise de 1929, passa a ficar inviável a construção de estruturas com peças de aço, que tinham de ser importadas e, a partir daí, as grandes obras passam a ser construídas em concreto armado.

Dos hotéis surgidos no século XX, o Grande Hotel São Bento, existente a partir de 1929, na rua São Bento, nº 35 e 49, é dos mais importantes. Instalado no edifício Martinelli, foi o primeiro hotel em arranha-céu.

Construído em concreto armado, entre 1925 e 1929, pelo Conde Francisco Matarazzo, o Edifício Martinelli representa a ascensão do imigrante e o início da verticalização da cidade. O conde também fez construir, na cobertura do edifício uma grande mansão, onde residia.

Além disso, é interessante comentar o caso do Martinelli, que exemplifica claramente a

característica de São Paulo como cidade palimpsesto- “imenso pergaminho cuja escrita é raspada de tempos em tempos, para receber uma nova, de qualidade inferior, no geral. Uma cidade reconstruída sobre si mesma, no século XIX.” (1983, Toledo, p.77). Antes desse edifício, no mesmo local, na Ladeira do Açu (antigo nome da Avenida São João), se instalou, entre 1814 e 1915, o Café Brandão e, de acordo com Moura (p. 88), antes disso, lá havia o Hotel Paulista, de Adolfo Dusser.

Mais tardio, o Othon Palace Hotel, construído entre 1952-54, é um edifício tombado pelo Departamento de Patrimônio Histórico. Inaugurado por ocasião do IV Centenário, em 1954, o Othon hospedou celebridades, como Charles de Gaulle e Yuri Gagarin. Era o hotel preferido de Juscelino Kubitschek.

A construção do Viaduto do Chá e do Teatro Municipal apontam o crescimento rumo aos Campos Elíseos. No fim dos anos 40, Barão de Itapetininga, Ipiranga e o outro lado do Anhangabaú passam a definir o “centro novo”. Este desbancaria o centro velho e a região da Luz, Santa Ifigênia e Campos Elíseos, como localização de hotéis.

Hotéis em torno das estações: Luz, Santa Ifigênia, Campos Elíseos e Brás

Em todos os países ocorreu o desenvolvimento de uma rede de hotéis ligados à implantação das ferrovias. Em São Paulo, com a inauguração da primeira linha férrea a passar pela cidade, a *São Paulo Railway* (Estrada de Ferro Inglesa), em 1867, começam a surgir, na Luz, os primeiros palacetes da elite paulistana, já que a moral da época não permitia hospedar-se em hotéis, a não ser forasteiros ou pessoas de caráter duvidoso. Depois, em 1875, com a Estrada de Ferro Sorocabana, o movimento de construção de edifícios, de dois ou três andares, para residências coletivas, cresce em direção ao bairro de Santa Ifigênia.

Os divertimentos do centro velho, passam ao outro lado do vale. O eixo dessa expansão para o oeste é a avenida São João, limite entre o centro novo e Santa Ifigênia e que viria a ser escolhida como local de preferência para as casas de diversão noturna da cidade. A presença de casas de prostituição em Santa Ifigênia, principalmente na região das ruas dos Timbiras, Vitória e Aurora tornou-a conhecida como a “Boca do Lixo”.

Essa proximidade indesejável, bem como o movimento de forasteiros, hotéis e pensões de todos os tipos, a carga e descarga das estações, fizeram a elite cafeeira deixar o bairro. Dos 198 hotéis listados, em nossa pesquisa, em Santa Ifigênia, muitos, embora com a denominação de hotel, deviam servir para explorar o lenocínio.

Alguns exemplos de restauração de edifícios nessa área apontam para a viabilidade de um projeto integrado de revitalização do centro e regiões anexas, como: a Estrada de Ferro

Sorocabana, construída, em 1914, por Ramos de Azevedo, no largo General Osório, que foi restaurada para servir de sede à Universidade Livre de Música e a Estação Júlio Prestes, que foi transformada na Sala São Paulo e é o melhor espaço da cidade para apresentação de orquestras.

Os luxuosos hotéis dos anos 20

Na década de 20 inaugura-se o Terminus (observe-se que essa é uma denominação usual, em todos os países, para indicar os hotéis localizados próximo aos terminais ferroviários-terminus ou terminal hotel), na Avenida Prestes Maia (onde hoje está o edifício da Receita Federal), com mais de 200 quartos.

Surgem hotéis luxuosos próximos ao Teatro Municipal para abrigar os barões do café e os emergentes industriais. Também surgem hotéis nos edifícios que haviam sido construídos com fins residenciais ou para escritórios, como o Hotel Central, na Av. S. João. O hotel existe desde 1918, em edifício construído pelo escritório de Ramos de Azevedo. É protegido pelo DPH. Segundo Benedito Lima de Toledo, junto com o Hotel Britânia, é de grande importância documental, representando uma época em que se mesclava o ecletismo com o concreto armado, permitindo prédios com maior altura. Passava por reforma em 2000. É o primeiro hotel de quatro pavimentos na cidade.

O Hotel Esplanada, inaugurado em 1924, ao lado do Teatro Municipal, foi considerado o mais famoso hotel dessa região e, por muito tempo, “o melhor hotel da cidade” (é o primeiro da lista da revista *Hotéis do Brasil*, entre 1947 e 1958), ponto de encontro da elite paulistana. De autoria do francês Joseph Gire, o mesmo arquiteto que projetou o Copacabana Palace, é exemplar típico dos *Grands Hôtels*, da *Belle Époque* francesa, embora já temporalmente tardio. O prédio, de estilo do classicismo francês, inspirado nas formas arquitetônicas dos palácios franceses da época dos Luíses, formava belíssimo conjunto com o teatro e valorizava-se com a beleza do Parque do Anhangabaú. Era arrendado por Otávio Guinle, proprietário então do Copacabana Palace, no Rio. O prédio ainda existe, embora descaracterizado por reformas. Pertence ao grupo Votorantim e se encontra em bom estado de conservação.

Os hotéis dos anos 40 e o IV Centenário

No início do século XX, com transformações em pleno desenvolvimento, os hotéis mudam de perfil construtivo e arquitetônico. O uso dos elevadores faz aumentar a altura das construções

e o ecletismo é eleito como fonte de inspiração arquitetônica.

As décadas de 1940 e 50 foram as de maior incidência de hotéis na cidade. Surgem hotéis importantes no centro novo. Dentre os possíveis motivos para esse desenvolvimento, pode-se apontar o aumento dos incentivos do poder público para o incremento do turismo em São Paulo, com vistas às comemorações do IV Centenário.

Com esses incentivos, se esforçam os hoteleiros para suprir a carência de leitos e aumentar os negócios ligados ao turismo no desenvolvimento da cidade, que se tornou, a partir da década de 1950, a maior do Brasil, ultrapassando a então capital do país, o Rio de Janeiro, tanto na capacidade de concentração econômica quanto demográfica. Nessa época, já conta com quase 2.700.000 habitantes, representando 1/4 da população do estado.

Com grandes investimentos, é um período em que "locais de diversão, de passeio e de atividades esportivas se multiplicaram de forma notável" (Bruno, p. 137)

Anos 50 e 60

Surge o Hotel Comodoro, voltado ao público de médio poder aquisitivo, na av. Duque de Caxias. Tem, em cada apartamento, uma decoração diferente. A inovação é que são do tipo *studio*, idéia norte-americana que consistia em transformar, cada unidade, em sala de estar durante o dia e em quarto de dormir à noite. Hotel preferido de Cândido Portinari, tem um mural de sua autoria, no mezzanino. Foi construído em terreno onde existira a casa de D. Olívia Guedes Penteado. O Captain's Bar, situado no lobby do térreo, foi importante ponto de encontro na vida noturna da cidade.

No fim dos anos 50, início dos 60, o transporte de passageiros estava deixando as ferrovias e sendo substituído pelo transporte rodoviário. Em 1961 inaugura-se a Estação Rodoviária, na Praça Julio Prestes. Começam a surgir hotéis no seu entorno e junto à Praça Princesa Isabel, como o Hotel Premier, inaugurado em 1962.

Centro Novo

Na primeira metade do século XX, a região da av. São João era considerada elegante. Dentre as modificações dos anos 1911 a 1928, posturas municipais indicam a construção de residências de melhor qualidade e de prédios de apartamentos, especialmente no lado par da mesma.

Reis Filho (1994, p. 24) afirma que, entre 1930 e 1960, São Paulo assume outra fisionomia, com as obras de inspiração modernista, sendo todo esse conjunto de obras realizadas em

concreto armado: o prédio da Companhia Paulista, a Biblioteca Mário de Andrade, os túneis da Avenida Nove de Julho, o Mappin, o Estádio do Pacaembú, a Ponte das Bandeiras, o Cine Art Palácio. Foi a época das grandes avenidas de Prestes Maia, o apogeu dos automóveis importados, do rádio e dos cinemas.

O charme da Av. São João, Ipiranga, São Luis e Barão de Limeira, obedece aos critérios do Plano Bouvard, bem como a verticalização elegante da São Luis e da Vieira de Carvalho, com hotéis e restaurantes e da Ipiranga e Barão de Itapetininga, voltadas ao comércio.

Em 1938 têm lugar dois acontecimentos: a inauguração do novo Viaduto do Chá e da Galeria Prestes Maia e, no ano seguinte a loja *Mappin Stores*, que se muda para a praça Ramos de Azevedo e passa a chamar-se Casa Anglo-Brasileira.

Na rua Barão de Itapetininga surgem as galerias de lojas, como a Galeria Califórnia e as confeitarias elegantes, como a Vienense e o restaurante Fasano.

O centro novo tem contornos flutuantes, mas nele sempre se inclui a avenida São João, o Largo Paissandu, o Santa Ifigênia e a avenida Ipiranga. Andando pela S. João, em direção ao bairro, o limite fica estabelecido com o edifício do cine Metro.

Já a influência norte-americana, aliada ao uso da indústria, superava a européia, fazendo-se sentir na arquitetura. Como a década de 20, a de 40 foi marco de desenvolvimento de grandes hotéis. Em São Paulo, como em todo o país proliferaram os hotéis-cassino.

Então uma grande metrópole, importante pólo de atração, multiplicam-se na cidade os teatros, cinemas, edifícios comerciais, indústrias, vida noturna, boêmia.

O deslocamento dos interesses econômicos, que havia se iniciado à época do IV Centenário, cresce em meados dos anos 60. Inicia-se o deslocamento rumo à Paulista.

Avenida Paulista

No início dos anos 50, o comércio sofisticado da cidade tinha começado a subir a rua Augusta, em direção à Paulista.

Entre 1940 e 1970 se vêem mudanças significativas. A ocupação dos Jardins transforma a avenida em grande eixo de tráfego. Começa o processo de verticalização que vai substituir as mansões ecléticas pelos bancos e edifícios residenciais, com programas de uso misto, incorporação do uso da máquina nas construções e garagens grandiosas para acomodar os automóveis. São exemplares dessa época o edifício Anchieta (1940) e o Nações Unidas (1952).

O fim da década de 70 marca a inauguração do Maksoud Plaza, que foi, depois, por quase duas décadas, símbolo da hotelaria de mais luxo na cidade. A torre envidraçada é inspirada

nos hotéis Hyatt, do arquiteto John Portman. Depois dele, vieram o Caesar Park, o Sheraton e o Metropolitan Plaza.

A implantação das primeiras cadeias multinacionais e o avanço da hotelaria nacional

Graças aos incentivos fiscais e financiamentos aliados a outras diretrizes que se seguiram na década de 70, o turismo passou a ser encarado como uma alternativa para o processo de desenvolvimento e surgem, então, no Brasil, os grandes conglomerados econômicos multinacionais.

O primeiro grupo transnacional de hotelaria a chegar ao Brasil foi a cadeia Hilton. A revista Hotéis do Brasil, quando de sua inauguração, informa que ocupa 34 andares e tem área de 1.400m². Possui 416 apartamentos, como ar condicionado, banheiros e telefones. Três restaurantes e quatro bares, piscina, salão de convenções, salas de reunião, cinema, lojas, boutiques, salão de fisioterapia, de beleza, barbeiro, consultório médico. Empregava 450 pessoas, no total, sendo 145 homens apenas nos bares e restaurantes e 60 cozinheiros.

Também a Hotelnews, de dezembro de 1966, registra o início da construção do São Paulo Hilton, anunciando-o como "o Hotel que será o maior do País, integrando o supercentro paulistano, em construção na Avenida Ipiranga, com inauguração prevista para 68. O Brasil entra no circuito internacional do turismo". É evidente que muita coisa mudou com a implantação de uma torre com mais de 400 apartamentos hoteleiros no centro de São Paulo. Houve a introdução de uma nova filosofia hoteleira, causando, certamente, a desconfiança por parte dos empresários do setor ao verem a introdução de métodos, sistemas e conceitos novos ou apenas diferentes. O hotel abriu suas portas em 1971, embora as transações para sua instalação já datassem de 1964 e, em um mês de funcionamento, registrava 2.735 hóspedes.

O edifício é tombado pelo Patrimônio Histórico, pela arquitetura e por ser um símbolo da cidade. Hoje possui 318 apartamentos e 14 salas de eventos, a maior com capacidade para 900 pessoas. Sofre hoje, também, com a degradação do entorno, mas representou um marco de modernidade ao país e de grande importância, em seus primeiros anos, especialmente, para hospedar os executivos norte-americanos e estrangeiros que vinham, a negócios, para o país e gostariam de ser atendidos dentro dos padrões de classe e categoria internacional. Encerrou as atividades quase na mesma data em que entrou em funcionamento o novo Hilton da Avenida Berrini, em e hoje, fechado ao público, tem 10 funcionários cuidando de sua manutenção.

Após a chegada da Hilton Internacional Corporation, outras cadeias internacionais começam a operar no Brasil. A Holiday Inn teve suas operações iniciadas nos primeiros anos da década de 70. O Rio Sheraton teve sua construção iniciada em 1969 e inauguração em 1974. A

Intercontinental Hotels Corporation, ex-subsidiária da Pan Am, associa-se ao grupo Brascan e inaugura, também em 1974, o Internacional Rio.

Em 1975, as empresas francesas começam a se implantar em nosso país; primeiro, a rede Meridién (subsidiária da Air France, que iniciou suas atividades associada ao grupo Sisal), em seguida, o Club Méditerranée (hoje Club Méd) e, em 1977, a cadeia Novotel se instala, por meio de um conglomerado nacional. Começam a se expandir também, as cadeias de hotéis de capitais nacionais, já que os mecanismos de incentivo à expansão da hotelaria que trouxeram para cá as grandes cadeias mundiais, cedo foram descobertos, também, pelos empresários locais-o que provocou uma grande corrida à construção de hotéis. Em 7 de setembro de 1971, fazendo coincidir seu pré-lançamento com as comemorações da Independência do Brasil, surge o Hotel Nacional Rio. Era a oitava obra do empreendedor José Tjurs que assim registrava, na edição especial da revista Hotelnews, de 1971 (cuja capa retrata o hotel, que é também reportagem principal dessa edição): "Tudo o que este país me deu, eu devolvo aplicando aqui mesmo. Este é o segredo de meu êxito". O projeto foi estimado em Cr\$ 75 milhões e pouco mais de Cr\$ 17 milhões (23%) foi proveniente de incentivos.

À guisa de conclusão- *booms* hoteleiros do século XX

A década de 20 presencia a primeira expansão da hotelaria nacional. Inaugura-se em 1922 o Glória, hotel de estilo ritziano, com 640 apartamentos e, logo, em 1923, o Copacabana Palace, inspirado no Carlton, de Cannes. Como curiosidade, possui 223 apartamentos e área de 13.000 m², enquanto o Méridien tem 500 apartamentos em 1.100 m². Também por essa razão, emprega o dobro de funcionários do que se tivesse uma estrutura vertical, de torre, como o Sheraton ou o Méridien.

Em São Paulo o Esplanada, inaugurado em 1924, ao lado do Teatro Municipal, foi considerado, por muito tempo, “o melhor hotel da cidade”.

Os anos 40 vêem um novo desenvolvimento no setor de meios de hospedagem, com a perspectiva de crescimento das estações termais e dos hotéis cassino, que vai até 1946.

Logo após a promulgação do decreto federal que fecha os cassinos, a ocupação hoteleira cai bruscamente e há uma estagnação do turismo e da hotelaria.

Essa tendência piora, em seguida, com a febre imobiliária que ocorreu especialmente em Santos, com a construção de dezenas de prédios, para segunda residência, até por volta da década de 1960.

A nova década é favorável ao turismo, pois, após 1964, estradas e meios de transporte rodoviário se modernizam e o transporte aéreo passa a ter importância fundamental. Também,

em 18/11/1966, com o decreto-lei 55, surge a EMBRATUR.

Na década de 80, a retração econômica afugentou os investimentos estrangeiros e o ritmo de desenvolvimento de empreendimentos estrangeiros foi reduzido.

Em 1979, inaugura-se, na região da Paulista, o Maksoud Plaza, que passa a ser, na década de 1980 e por muito tempo, o novo ícone de luxo e modernidade da cidade. Em meados da década, por volta de 1986, instala-se, na Alameda Santos, outro concorrente, tanto para o Hilton como para o Maksoud, o Sheraton Mofarrej, trazendo também o padrão norte-americano de serviços. Hoje denominado Meliá Mofarrej, representa a marca da hospitalidade espanhola.

No início do século XXI, trinta e cinco anos após a implantação do São Paulo Hilton Hotel, o primeiro hotel de rede internacional no Brasil, a corporação volta a investir na cidade, em empreendimento voltado ao turismo de negócios, na região da Avenida Engenheiro Luís Carlos Berrini, o mais novo pólo da história da hotelaria de São Paulo.

Curiosamente, a região da Berrini começava a desenvolver-se em 1974-5 enquanto que, em 1970, a Paulista já era o centro dos bancos e das empresas. Hotéis e flats da zona sul surgem para dar apoio aos novos escritórios das Avenidas Faria Lima, Berrini e Marginal Pinheiros. É nessa região que têm surgido os hotéis de última geração, como o Meliá, no World Trade Center.

Resumindo

Partindo-se do pressuposto de que os hotéis surgem para satisfazer determinadas necessidades, pode-se afirmar que os primeiros hotéis, do império, na cidade de São Paulo, no século XIX, surgiram para acompanhar a mudança dos costumes trazidas pelo imigrante europeu e atender às novas necessidades de receber, alojar e entreter, dos barões do café.

Já o ciclo hoteleiro seguinte, que abrange o início do século XX, será apoiado pela indústria e pelas inovações tecnológicas--como a eletricidade, os elevadores, o telefone e o telégrafo-- e construtivas, como a estrutura metálica, a alvenaria de tijolos e, mais tarde, o concreto armado.

A terceira fase, com a entrada das multinacionais, iniciada um pouco timidamente em 1970, e fortemente a partir da década de 90 e no XXI, vem apoiar o novo mercado de serviços que começava a se configurar. São Paulo passa a substituir sua vocação industrial transformando-se em uma sociedade de serviços- educacionais, de saúde, financeiros, de entretenimento e outros. Turismo e negócios, eventos e comércio, alta e baixa gastronomia, novas tendências na música, teatro, cinema, moda e *design* aqui se misturam para formar a megacidade do

século XXI.

Referências bibliogr

CAMARGO, Ana Maria de Almeida (coord.). **São Paulo** – uma longa história. São Paulo, CIE-E, 2004.

DIAS, C. M. M. *Home away from home*- evolução, caracterização e perspectivas da hotelaria: um estudo compreensivo. (Dissertação de mestrado). São Paulo, ECAUSP, 1990.

FRIEIRO, Eduardo. **Feijão, angu e couve**: ensaio sobre a comida dos mineiros. Belo Horizonte, Itatiaia e São Paulo, EDUSP, 1982.

GALHANONE, H. Breve histórico da hotelaria brasileira. **Hotéis do Brasil**, São Paulo, HB Ed., 27(307):26-7, jul. 1975.

MARTINS, Ana Luiza. A academia de direito e a vida cultural de São Paulo. In: CAMARGO, Ana Maria de Almeida (coord.). **São Paulo** – uma longa história. São Paulo, CIE-E, 2004.

MOMBEIG, Pierre. **O crescimento da cidade de São Paulo**. In: SZMRECSÁNYI, Tamás. (org.) História econômica da cidade de São Paulo. São Paulo, Globo, 2004.

MORSE, R. **Formação histórica de São Paulo**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

O BOOM dos novos hotéis. **Hotelnews**. Rio de Janeiro, 25(161): 36-41, mar. 1985.

OS HOTÉIS pioneiros na capital paulista. **Hotéis do Brasil**. São Paulo, HB, (338): ago. 1978.

QUASE 15 anos para o turismo firmar-se como fato econômico. **Hotelnews**, Rio de Janeiro, 25(161): 34-5, mar. 1985.

REIS FILHO, Nestor Goulart dos. **São Paulo e outras cidades** - produção social e degradação dos espaços urbanos. São Paulo, Hucitec, 1994.

São Paulo: Viva o Centro, **URBS**. ano 2, no. 12. Bimestral, 1999.

TOLEDO, B. L. **São Paulo**: três cidades em um século. 2. ed, São Paulo, Duas Cidades, 1983.